

Especial

Um sonho quilombola

Por trás de um sonho empresarial, a belíssima história de alguém que nunca desistiu. Helena Rosa, 40 anos, é proprietária do Crioula Café, localizado no Guará II. Com seis anos de existência do espaço, o caminhar como empreendedora negra tem sido motivo de muito orgulho e privilégio. “Como um prazer, posso citar o orgulho que tenho em produzir um cardápio autoral, que me dá a nítida sensação de protagonismo e autonomia, comunicados através dos alimentos e pratos servidos. Isso traz um pouco da minha jornada pessoal”, comenta.

Enquanto mulher negra, os desafios sempre existiram — e permanecem. “Posso falar sobre a dificuldade de atravessar barreiras atitudinais com relação a resistências ainda enfrentadas quando os negros estão em posição de destaque. É um assunto que precisa ser tratado e debatido socialmente. Tenho visto que o empreendedorismo negro tem assumido mais espaço social, isso me conforta por saber que esta não é uma luta solitária. Mas ainda tenho um pouco da sensação de carregar comigo um certo vanguardismo, o que não deixa de ser ainda cansativo”, completa.

O Crioula Café, até o momento, tem sido um sucesso. A começar, claro, pelo nome. Helena



Helena Rosa é proprietária do Crioula Café, no Guará: seis anos de desafios

conta que, de início, o conceito do estabelecimento foi a primeira parte a ser definida. Em seguida, pensou em uma temática quilombola, que remetesse suas memórias de infância no quilombo. Para que tudo isso conversasse entre si, o intuito, no fim, era representar a cultura negra e criar uma conexão especial com os clientes.

“Inicialmente, fui advertida para não usar esse nome, devido à carga de preconceito que poderia gerar. Mas um sentimento interno me dizia para seguir com essa ideia. Daí, surgiu o Crioula Café.” Diante de tantos desafios como empresária nesses últimos anos, Helena cita a pandemia como um dos maiores. Afinal, o negócio era

recente e estava começando a se estabelecer.

Apesar do início difícil, a casa conquistou relevância social e comercial em Brasília. Mesmo com os questionamentos se o estabelecimento daria certo, Helena se manteve firme no propósito, acreditando que o projeto, e a missão que viria com ele, sairia do papel. “Com a cafeteria consolidada pelo público, eu me sinto muito mais segura para alçar novos voos. Alguns caminhos têm se apresentado como alternativas interessantes. Precisamos estudar para que essa expansão se dê da forma mais responsável possível. Na minha mente sonhadora de criança quilombola, eu já vejo o Crioula Café pelo Brasil afora.”

SOBRE RACISMO E REPRESENTATIVIDADE

A priori, o Dia da Consciência Negra não foi pensado para ser feriado, justamente para que as escolas, em especial nessa data, refletissem sobre a questão racial. Segundo a professora Renisia Cristina Garcia Felice, coordenadora da Questão Negra — Secretaria de Direitos Humanos/UnB — o intuito, à medida que o tempo passava, era urgente construir um significado cada vez mais robusto e encorpado para esse momento de conscientização.

Uma reflexão que fosse pautada,

fomentada e forjada na luta do momento negro diante da invisibilidade do debate racial. “É uma necessidade que o 20 de novembro exista, mas que se houvesse maior consciência dos brasileiros sobre as invisibilidades da população negra, a violência que incide os corpos negros, o 20 de novembro seria uma data que combinaria com reflexões que já estariam acontecendo em todos os espaços”, destaca.

O diálogo e a luta pela causa, como ressalta a especialista, devem acontecer em

todas as áreas, a qualquer momento. Pensar sobre os impactos do racismo estrutural, institucional e individual, que incide sobre esses corpos negros, faz com que o combate contra a desigualdade no Brasil, que é econômica, mas marcadamente racial, ganhe cada vez mais força. “A raça marca a classe no país, sem sombra de dúvida. É uma reflexão que precisa acontecer sempre.”

Construir uma trilha para que as pessoas compreendam as configurações históricas, e levar informações sobre o racismo, é um dos